

Di Fortuna e a Fortuna em Maquiavel

Patrícia Fontoura Aranovich¹

Resumo: o texto pretende examinar o conceito de Fortuna, em Maquiavel, a partir da análise do poema *Di Fortuna, Dell'Occasione*, a carta a Giovan Battista Soderini, o canto VII do Inferno, de Dante, e passagens referentes à Fortuna em *O Príncipe*. O poema *Di Fortuna* será dividido em oito partes para o exame e exposição do conceito de Fortuna.

Palavras-chave: Maquiavel – fortuna – virtù – ocasião – ação humana.

O texto que se segue pretende apresentar o conceito de Fortuna em Maquiavel a partir da análise do poema *Di Fortuna* que faz parte do conjunto de poemas reunidos no *I Capitoli*, que, além desse, tem poemas sobre a Ocasião, a Ingratidão e a Ambição. Para tanto, os textos utilizados para estudar o conceito de fortuna foram os poemas *Di Fortuna* e *Dell'Occasione*, que serão traduzidos depois desse estudo, a carta a Giovan Battista Soderini – a quem Maquiavel dedica o poema –, o Canto VII do *Inferno* de Dante e passagens referentes à Fortuna em *O Príncipe*. O procedimento foi dividir o poema principal em oito partes que serão expostas a seguir.

A maneira como Maquiavel caracteriza a Fortuna, neste poema, é quase sempre negativa; existe certa incompatibilidade entre a forma de ação humana e a da Fortuna. A ação humana tem uma direção constante e busca a estabilidade, a Fortuna é volúvel e inconstante. A incompatibilidade deriva, justamente, da natureza humana e da natureza da Fortuna. A natureza do homem é constante, assim como o são o céu, o sol e os elementos². Os homens foram e são sempre os mesmos, dotados dos mesmos humores e paixões; e cada homem nasce dota-

¹ Doutora pela Universidade de Paris e pela Universidade de São Paulo, professora de Ética e Filosofia Política na UNIFESP. E-mail: patricia.aranovich@gmail.com

² Cf. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, Livro I, Proêmio.

do de um determinado engenho e fantasia que permanecem constantes durante toda sua vida. A fortuna é constantemente inconstante: é de sua natureza ser volúvel e móvel. Essa incompatibilidade provoca a ruína dos que se deixam levar por ela e daqueles que não lhe opõem obstáculos.

Na primeira parte deste poema, Maquiavel aponta os assuntos dos quais pretende tratar. Os temas são: o reino da Fortuna, os casos (prósperos e adversos) da Fortuna e a explicação de como a Fortuna é tão atrativa, ao mesmo tempo em que é tão mal vista. Nesta mesma parte, Maquiavel, ao dedicar o poema a Giovan Battista Soderini, adverte-o do perigo que está vinculado à ação da Fortuna. Esta ação representa um perigo na medida em que se constitui sempre em uma ação ofensiva aos homens (“golpes”, “forças”, “violência”, “potência”). Por esta razão, se os homens lhe opõem resistência, esta interação se transforma em uma luta. As armas da Fortuna são sempre imprevisíveis, dada sua inconstância; a arma humana, a única capaz de obter vitória contra a Fortuna é a *virtù*³ (“e seu reino é sempre violento, se uma grande [excessiva] *virtù* não o amortece”). Por outro lado, se o homem tem uma “grande *virtù*”, ele atrai para si o interesse da Fortuna, e a luta se converte em uma “medição de forças”. Isto porque a força empregada pela Fortuna é proporcional à força daquele contra o qual ela a emprega (“frequentemente se opõe com maior força onde maior força vê ter a natureza”).

Na segunda parte do poema são tratados os atributos da Fortuna. Pode-se dizer, em primeiro lugar, que a Fortuna é uma deusa voltada às coisas humanas, ao mundo. É sobre este que ela exerce seu poder, é sobre os homens que seus olhos estão postos. E seus olhos são ferozes, posto que ela é cruel, ou, ao menos, é assim que a vê Maquiavel, quando ela se volta a ele. Pois a Fortuna tem duas faces, e não se pode saber se é a face tranqüila ou cruel que ela voltará para o homem. De qualquer forma, ela é poderosa e seu poder pode transformar a

3 O significado de *virtù* não é tratado nesse texto, ainda que a *virtù* seja normalmente apresentada como par conceitual da Fortuna. Para a compreensão do poema é razoável propor (para ser breve ainda que, sem a devida explicação, isso seja insuficiente) que seja entendida literalmente como força.

ordem do mundo; as mudanças operadas pela Fortuna são as que elevam ou derrubam os homens particulares e coletividades (repúblicas e principados). Estas mudanças não são, no entanto, dadas para sempre, sua inconstância impede que favoreça ou oprima sempre, alternando estes dois movimentos. Portanto, a Fortuna é poderosa e inconstante, mas não inteiramente imprevisível, pois sua imprevisibilidade se refere apenas ao tempo, isto é, não se pode prever quando ela mudará os giros. Há, no entanto, constância na inconstância, pois não se pode prever quando, mas é certo que o momento da mudança virá, posto que é uma roda. Desta inconstância vem sua impetuosidade e violência, e mais ainda quando não se está preparado para ela (ausência de *virtù* que a amorteça), uma vez que suas mudanças não são nunca graduais. Há altos e baixos, elevação e derrota, nunca o meio-termo. Além desses atributos básicos, é exposto o que se poderia, à primeira vista, chamar de injustiça. A ação da Fortuna eleva injustos, indignos e maus e oprime os justos, dignos e bons; além disso, ela não mantém as promessas, pois é caprichosa. Entretanto, o que parece ser injustiça é apenas a inconstância da Fortuna; o que ocorre é que, sendo ela destituída de “piedade, lei ou razão”, sua ação não é dirigida moralmente. Sua ação não é proposital, no sentido de injusta, ou seja, não há nela um propósito injusto. Em suma, o que a caracteriza, do ponto de vista de sua natureza, é sua inconstância assistida por um poder de origem incerta, conforme diz Maquiavel.

No passo seguinte, ao tratar do Reino da Fortuna, Maquiavel apresenta o que podemos chamar de mecanismos de sedução da Fortuna e sua postura frente aos que vão a seu Reino. Os homens aproximam-se e reúnem-se ao redor da Fortuna por ambição e desejo, pois ela lhes mostra coisas novas. A entrada em seu reino é sempre aberta e ele é representado como um palácio aberto por todos os lados, onde há sempre coisas novas e variação. Desta forma, seduzidos e na tentativa de obter os bens da Fortuna, os homens são atraídos a seu Reino. Mas há uma advertência: se a entrada é fácil, a saída é incerta, se ela é benigna com quem quer entrar, com fúria barra aquele que deseja sair. Nesta parte do poema, Maquiavel introduz uma alteração na representação da Fortuna, substituindo a roda da Fortuna por várias rodas. Estas rodas são variadas tanto quanto o são os bens em vista e quantas as formas de alcançar estes

bens. Na carta a Giovan Battista e em muitas passagens de sua obra, Maquiavel menciona que as mudanças dos tempos interferem na ação dos homens. Assim, de dois homens com o mesmo objetivo, um não o alcança e o outro sim, comportando-se do mesmo modo; outros dois homens, com modos diferentes, alcançam um mesmo objetivo. Isto se explica pela variação dos tempos, que se ajustam ou não ao modo utilizado. Desta maneira, as várias rodas corresponderiam aos diferentes tempos, o que, mais adiante, pode ser mais bem demonstrado.

Quanto aos que se encontram no Reino da Fortuna, Maquiavel tem uma visão pessimista. Estas pessoas parecem estar arrependidas, pois se ouvem “suspiros, blasfêmias e palavras injuriosas”. E isto porque os homens reconhecem como provenientes da Fortuna apenas os males, reconhecendo, portanto, apenas a “má fortuna”. Os bens que obtém julgam ser fruto de sua própria virtude, o que ocasiona outra razão da má fama da Fortuna. Os homens que se encontram neste reino estão presos, “escondidos em seu signo”, “encerrados”; a Fortuna, como já foi dito, não permite que saiam. Os demais habitantes do Reino da Fortuna não são humanos, são vícios, virtudes e auxiliares da Fortuna. O primeiro grupo é a “Audácia” e a “Juventude” que, da mesma forma como é colocado em o *Príncipe*, no capítulo XXV, conquistam a Fortuna: “como mulher, [a Fortuna] é sempre amiga dos jovens, porque são menos cautelosos, mais ferozes e a comandam com maior audácia”. Mais uma vez se afirma o caráter belicoso da Fortuna, é preciso audácia e juventude para opor-se a ela e enfrentá-la. Os que possuem estes atributos conquistam com maior facilidade seus favores, o que não deve implicar em um favorecimento permanente. Apenas a Fortuna aprecia quem a enfrenta, estar de frente para ela é necessário para que ela volte-se para você. É neste sentido que, na estrofe seguinte, é mostrado o “Temor”, “prostrado em terra”, pois ele não enfrenta a Fortuna, é o contrário da luta. Como consequência, “Penitência” e “Inveja” “lhe fazem guerra”, já que o temeroso não age, impedido pelas dúvidas e, não agindo, nada obtém, pois a Fortuna exige o movimento, sendo, ela mesma, móvel. Segue-se a isto a descrição da “Ocasão”. A “Ocasão”, tal como é representada por Maquiavel no poema *Dell’Occasione*, parece corresponder a outras representações renas-

centistas da Fortuna. Ou melhor, o que se encontra em Maquiavel separado (Fortuna e Ocasão), une-se em outras representações. No poema *Di Fortuna* ela é caracterizada como uma donzela que brinca entre as rodas, “descabelada e simples”. O poema *Dell’Occasione* é mais específico, neste ela é representada como uma donzela com asas nos pés e os pés sobre uma bola (roda). Sua principal característica é ser veloz, assim como a Fortuna é também vista por Dante, e, portanto, fugidia. Deve ser apanhada rapidamente ou escapará entre as mãos, pois ela não espera. A velocidade da Ocasão exige velocidade dos homens que querem apanhá-la⁴, da mesma forma como a Fortuna exige força, audácia. A Ocasão não se apresenta muitas vezes, nem por muito tempo e nem todos a notam (ela não é notada porque tem o cabelo no rosto – ela é descabelada – para não ser facilmente identificada). Mas, no *Príncipe*, é apresentado um dado a mais: ela é apanhada pelos que têm *virtù* e, por isso, percebem-na. Pode-se dizer que a Ocasão é o que de melhor a Fortuna pode oferecer, é a possibilidade de obter sucesso sem depender dos bens fugidios da Fortuna, sem ficar preso à roda. Mais uma vez, no poema *Dell’Occasione*, atrás da Ocasão vem a “Penitência” para os que não a apanharam (enquanto que no *Di Fortuna* a Penitência segue o “Temor”). A imagem seguinte, no *Di Fortuna*, é a da “Necessidade” e o “Ócio” girando em torno das rodas que giram por vontade do “céu”. O ócio destrói e a necessidade constrói o mundo, o que retoma a necessidade de movimento, de ação humana. Porque, se o “Ócio” e a “Necessidade” se opõem, a necessidade é aquilo que força a ação humana. A outra imagem é a da “Usura” e da “Fraude” divertindo-se, e da “Liberalidade” estraçalhada entre elas. A imagem da “Sorte” e do “Acaso”, cegos e surdos, sobre as portas do palácio, demonstraria a neutralidade da Fortuna em relação àqueles que entram em seu Reino, isto é, em relação às suas virtudes. Como já foi dito, a Fortuna não é necessariamente injusta, mas indiferente.

4 Os verbos relativos à Ocasão são sempre agarrar ou apanhar e segurar, nunca aproveitar, como no caso do termo oportunidade; o movimento em direção à Ocasão é guiado pela rapidez e pela força.

Nas duas estrofes seguintes, são apontados os prêmios e penas da Fortuna. Os prêmios são: a potência (entendida como força e, conseqüentemente, domínio), a honra (como reputação), a riqueza e a saúde. As penas são: a servidão em oposição à potência; a infâmia em oposição à honra, a pobreza e a doença. São premiados os que têm seu amor e punidos os que têm seu furor. Mais uma vez temos uma demonstração da violência da Fortuna, manifestada pelos seus sentimentos extremos: o amor e o furor (raivoso), não há meios-termos.

A partir disto, Maquiavel discorre sobre como se deveria agir em relação à Fortuna. Em primeiro lugar, é preciso saber ajustar-se a ela, às suas mudanças, para obter sucesso em seus empreendimentos. Nos *Discursos sobre a Primeira década de Tito Lívio*, Maquiavel dedica um capítulo para explicar como os homens não sabem ser totalmente bons ou totalmente maus e como isso acaba lhes trazendo a ruína. Os homens de *virtù* deveriam ter o mesmo comportamento da Fortuna, ações extremas, para neutralizá-la; ser totalmente bom ou totalmente mau corresponde a ser como a Fortuna, isto é, benigna ou furiosa. E, mais que isso, é preciso ser como ela, imprevisível, saber mudar, transformar-se: “saltar de roda em roda”, permanecendo sempre o mesmo e, mudando a Fortuna, quando esta lhe for propícia, obterá sucesso, quando não for mais, cairá. Assim, como já foi dito, o sucesso e o fracasso estão relacionados com o encontro dos modos utilizados com os diferentes tempos. Em termos ideais, os comportamentos, os modos de ação humana devem orientar-se pelas mudanças dos tempos, ou seja, pelas mudanças da Fortuna, e esta variação deve ser feita, como Maquiavel diz em outra parte, “hora a hora”. Sua visão da natureza humana, no entanto, traz consigo um certo pessimismo quanto a esta possibilidade de constante mudança humana, o “saltar de roda em roda”. Na carta a Giovan Battista, a quem Maquiavel dedica o poema *Di Fortuna*, ele escreve que os homens se governam de acordo com a forma como são feitos pela natureza, que determina seu “engenho” e “fantasia”. Desta natureza humana que se encontra dada, portanto fixa e imutável, decorre que os homens, em não sabendo ajustar-se (modificando sua natureza), terão boa ou má fortuna de acordo com os tempos. É possível, no entanto, ao sábio, acomodar-se aos tempos e ter boa fortuna, guardando-se da má. Mas, a má

fortuna ou o movimento de opressão da Fortuna não pode ser evitado, apenas amortecido, temperado pela *virtù*.

O tema seguinte, do poema, é mais amplo, trata não mais da ruína ou elevação de homens, mas das repúblicas e principados. A visão de Maquiavel quanto ao poder da Fortuna, nestes casos, parece ainda mais pessimista. A razão disto, que podemos buscar, sobretudo nos *Discursos*, é que o controle humano sobre as coletividades, em resistência à Fortuna, é ainda mais tênue. Se os homens podem controlar ou ao menos têm alguma possibilidade de controle sobre o efeito de suas ações particulares, quando se trata do conjunto este controle é ainda mais difícil. Dado que a duração de uma república ou um principado excede a de seu fundador ou reformador (necessariamente um homem de *virtù*), e que é preciso a constante ação de homens virtuosos para mantê-los sempre com barreiras à ação destrutiva dos tempos, essa dificuldade se torna clara. Mas, há ainda uma diferença, neste sentido, entre repúblicas e principados: em uma república existe sempre a possibilidade de escolha de homens de *virtù* para conduzi-la, mas, em um principado esta escolha está entregue ao acaso (ou seja, a uma das formas da Fortuna). Na monarquia hereditária, o dirigente será escolhido pelo critério do sangue, que Maquiavel não crê que corresponda a um critério que garanta a transferência da eventual *virtù* do antecessor. Neste caso, principalmente, o da monarquia hereditária, se estará irremediavelmente preso à roda da Fortuna. Isto não significa que uma república (mesmo no caso do governo misto) possa escapar indefinidamente à ruína, mas, por haver imprimido *virtù* em sua constituição, pode amortecer a violência da Fortuna. Assim, é mostrado, no poema, como os povos sucedem-se no domínio do mundo, na supremacia, sempre fadados à ruína por força da vontade da Fortuna que “transmuta as coisas do mundo”. Ela é “como uma torrente rápida, variável e poderosa, que faz a terra tremer, retirando de um para colocar em outro o poder e o domínio, deixando os povos arruinados como presas de seus inimigos”. Este tema é abordado em Dante, no Canto VII do *Inferno*, sobre a mudança de poder dos Estados; nesta passagem Dante explicita que promover esta mudança é a principal função da Fortuna, que demonstra a fragilidade dos bens terrenos.

Na última parte do poema é apontado o resultado da ação da Fortuna para quem se deixa levar por ela. Mesmo lhe sendo agradável o “bater, caçar e empurrar”, o que exige audácia e juventude, como já foi visto, isto não garante a estabilidade. A estabilidade faz parte do meio termo, incompatível com a inconstância da Fortuna. Quanto mais alto um homem é elevado por ela, maior a queda e seu impacto. A conclusão a que Maquiavel chega, ao final do poema, é de que a Fortuna não proporciona a felicidade e de que é muito grande a dificuldade para completar o ciclo: à elevação segue-se a ruína e desta não se volta a encontrar elevação, mas sim a morte, que seria o destino dos que foram aprisionados pela Fortuna.

Mais algumas observações se fazem necessárias para precisar o sentido da Fortuna. É preciso distinguir dois sentidos que a Fortuna parece assumir; existem duas Fortunas, ou melhor, duas formas de ação da Fortuna, uma universal e outra particular. Universalmente ela atua sobre as “coisas do mundo” e, desta forma, altera as circunstâncias que estão envolvidas na ação dos homens. Assim, uma ação terá sucesso ou não de acordo com a adequação desta à série de “variáveis” que a Fortuna imprime nos tempos, suas mudanças. Na ação particular, a Fortuna atua diretamente sobre o sujeito, elevando-o ou derrubando-o, porque seu propósito, no momento, é este. Assim, no primeiro caso, a Fortuna aproxima-se do Acaso ou da Sorte, no segundo é uma força específica.

Pode-se lembrar, para finalizar, o caso mais emblemático da ação da Fortuna na elevação e queda de um homem na obra de Maquiavel: César Bórgia. Levado ao topo pela Fortuna, em um dado momento, após ter feito uma série de conquistas, segundo Maquiavel, ele decide “não mais depender da Fortuna, e firmar-se na própria *virtù*”. Mas, é novamente Maquiavel quem nos diz que, “por maldade da Fortuna”, acabou por ser derrubado. Se nos lembrarmos da advertência do poema, segundo a qual a Fortuna é benigna com quem quer entrar em seu Reino, mas barra aquele que quer sair, este parece ser o mesmo movimento. E, se for alegado que a morte do pai de César Bórgia e sua doença foram fatalidades, deve-se lembrar que entre as penas da Fortuna está a doença. Quem se ergue por força da Fortuna conta com uma série de circunstâncias extraordinárias

forjadas por ela. Seus bens não estão enraizados, foram-lhes dados pela Fortuna e não conquistados pela *virtù*. Assim, reafirma-se o perigo de confiar no inconstante e volúvel e aponta-se para a necessidade da ação humana independente para a construção da vida e da política resguardadas ao máximo do imprevisível, o que se consegue pela ação de *virtù*.

A visão da Fortuna, tal como é apresentada em *Di Fortuna*, é muito mais pessimista do que aquela de *O Príncipe*. Pode-se argumentar que a razão disto é que, se o centro aqui é a Fortuna, naquele é a *virtù*, ou seja, a possibilidade de ação humana. Não que o peso da Fortuna seja esquecido, mas, uma vez colocado o arbítrio humano como responsável por metade de nossas ações, abre-se esta possibilidade. No poema, a *virtù* é mencionada, explicitamente, apenas duas vezes: na primeira é colocada como o poder de amortecer a Fortuna; na segunda, como a natureza própria do homem, que determina suas formas de ação, é a “oculta *virtù* que nos governa”. Esta segunda forma de significação da *virtù* é justamente o que impede a mudança humana, o que é o contrário da *virtù* ideal, a da flexibilidade. Portanto, neste poema a Fortuna reina e comanda, parecendo onipotente, e a ação humana é apenas uma vaga possibilidade.

Di Fortuna and the Fortune in Niccolò Machiavelli

Abstract: the text aims to examine the concept of Fortune in Machiavelli. The analysis will be carried out from the poems *Di Fortuna and Dell'Occasione*, the letter to Giovan Battista Soderini, the Canto VII of *Hell*, by Dante, and passages that make references to the concept of Fortune in *The Prince*. The poem *Di Fortuna* will be divided into eight parts in order to exam and present the Fortune's concept.

Keywords: Machiavelli – fortune – virtù – occasion – human action.

Referências bibliográficas:

DANTE. *A Divina Comédia*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

MAQUIAVEL, N. *le Opere*. Firenze: Sansoni, 1992.

_____. *Oeuvres Complètes de Machiavel*. Paris: Gallimard, 1952.

_____. *Discorsi sopra la Prima Deca di Tito Livio*. Milano: Rizzoli, 1984.

_____. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *Epistolario* (1512-1527). Fondo de Cultura Económica, 1990.

PRICE, Russell. "The senses of virtù in Machiavelli". In: *Eur. Stud. Review*, 3/4, 1973, pp.315-345.